

Vivo ainda!...

RMC REVISTA

A ENFERMARIA DUM HOSPITAL – uma sala grande cheia de treva, um pouco vermelho faiscando ao meio – um lampião. Na escuridão terríveis ais, arquejamentos de peitos que a doença cruelmente esmigalha, contorcendo-se, esbracejando pelos cantos. Dir-se-ia visões, monstros gemendo, arrastando-se numa cadeia. O candeiro só iluminava no alto e em baixo dois quadrilongos sangrentos. Ais, ais terríveis – e o lampião balouçando-se vermelho, sangrando pavorosamente luz, uma claridade que deixava entrever apenas numa meia-tinta, tremendo, fugindo, delirando como uma água-forte de Goya, uma fileira de catres alinhando-se – a ordem no sofrimento...

Ele gemia acordado ainda, gemia pensando na bela vida doutros tempos – quando saudável, quando cheio de alegria... A santa vida antiga vinha-lhe por bafejos: apareciam-lhe pessoas amigas, o seu quintal, a sua mãe. Uma ideia que lhe ia vagueando no crânio fixava-se pouco a pouco... Não se lembrava o que era, queria procurar, fugia-lhe, voltava persistente, afligindo-o. Afinal fez-se o clarão no meio da febre... Nesse dia – era dia de Natal... Ficou satisfeito um instante, naquele adormecimento em que se sentia, quase contente por ter vencido a febre, conseguindo lembrar-se, agarrar aquela ideia vagabunda... Dia de Natal! dia de Natal! Depois outra vez afligiu-se. Mas era uma dor tenuíssima, reflectindo-lhe imagens que ele vira, pessoas adoráveis que ele conhecia... Era a sua casinha cheia de luz, as cintilações de loiça doirada pelo sol, a janela do seu quarto abrindo para a alegria amorável do quintal, a mãe risonha e encarquilhadinha, de olhos

azuis, dum azul de velha faiança que o tempo desbotou. Dia de Natal!... E as velhas costumeiras da sua aldeia, as adoráveis festanças cheias de ingenuidade, o menino Jesus rubicundo – tudo lhe ia surrindo no adormecimento da febre, aos frangalhos, repousando-o...

Sempre vivera tranquilamente com a sua mãe, na sua casinha, sem aflições nem impaciências. Pouco a pouco, porém, a vida começou a correr-lhe mal, e assim, quando de Braga, um carpinteiro, o Jerolmo, o chamou para ele trabalhar na sua oficina, ainda que lhe custasse deixar a boa velhinha que ele adorava – partiu. Quinze dias depois entrava no hospital com a febre. Escreveu à mãe sossegando-a, escreveu tremendo e chorando: «Olha, minha mãe, não te aflijas, não te aflijas que de hoje a quinze dias já eu hei-de estar apanhando o sol no teu quintal, minha mãe...» No entanto piorou – e naquela tarde a febre esganou-o, alucinando-o: via carrancas contorcendo-se, rindo mal-dosamente, fitando-o odientas, visões, monstros estranhos, numa sarabanda infernal...

O doente do catre junto ao dele, um pedreiro, perguntou ao enfermeiro:

– O vinte e cinco piorou?...

E o outro, indiferente, acenou com a cabeça que sim:

– Vai indo, vai indo...

Os doentes daquele canto de enfermaria, o pedreiro, um velho com cabeça de caveira a que tivessem pegado barbichas ruivas, dois outros, davam-se bem, fazendo panela à parte. Eram sempre queixas do hospital, do enfermeiro e da pouca comida; recordações da vida de lá de fora, lástimas da doença – e nem se escutavam uns aos outros, cada um contando e só se interessando pelo seu sofrimento. O velho há mais tempo ali dizia os que vira morrer, ia contando como vinham buscar aqueles que a Morte esganava, numa grande caixa de madeira pintada de negro. E era um terror quando a caixa aparecia!

– A Morte é boal... – dizia ele rindo, estortegando os beiços medonhos. – A Morte pare defuntos...

Ai como ele, naquela imensa enfermaria, se recordava da alegria da sua casinha e da sua pobre mãe... Que faria ela então, coitada?... Se ele morresse, quem a sustentaria? quem?...

Pelo fim daquela tarde sentiu-se mal. A febre redobrou-lhe: parecia-lhe que as sombras pelos cantos eram monstros, espiaando-o

adentros, e o candeeiro uma ferida, uma ferida medonha escorrendo sangue... Delirava cheio de aflição, arrefecia, arquejava – e de repente perdeu o sentimento como se a vida lhe parasse – desmaiou. Quando voltou a si não se podia mexer. Mas ouviu – distintamente ouviu:

– Morreu...

E a voz do velho:

– Lá vai o vinte e cinco!... Parecia que ia tão bem!...

– *A caixa...* Olhem lá a *caixa!*

Hem? era com ele? Teria ele porventura morrido? Seria a Mor-te aquilo – ouvir, pensar e não se poder mexer, não sentir?... Teria um pesadelo?...

– Pronto, a *caixa*...

Ouviu bater a tampa da *caixa* e então compreendeu... Oh, que-ria berrar, lutou para gaguejar um uivo – e não podia! não podia! Di-zia-se obscuridades, rugia-lhe uma fúria, uma raiva terrível na alma. Compreendia enfim: a sua insensibilidade parecera aos médicos a morte!... E lá ia essa noite ficar na casa dos mortos, junto dos outros cadáveres apodrecendo – meu Deus!... – até que ao outro dia o ras-gassem na casa das autópsias... Uivou – uivou lá dentro àquela lem-brança, numa fúria terrível. Babujava-lhe a alma, enlouquecia àquele nome *autópsia*, todo o pensamento se lhe debatia, como uma fera doída mordendo-se, ensanguentando-se numa jaula. Depois ficou num aniquilamento medonho. Tinha a sensação dum emparedado, sentia-se envolto numa frialdade de réptil...

Ouviu novamente a tampa do *caixão* bater – e um dos homens dizer, rindo:

– Caramba! cinco para amanhã, hem!

Era a casa dos mortos – quatro paredes negras, a luz entrando por fendas onde os varões de ferro se cruzavam. Uma prisão onde os cadáveres esperavam a autópsia, apodrecendo em cima duma banca de granito, nus...

Outra vez se debateu. Ele ficava ali ao pé dos mortos – ele cheio de vida!... – ao pé dos cadáveres ignobilmente verdes... Jesus!... Ina-ginou que caíra em cima dum: os seus beijos beijavam talvez alguma ferida horrível, cheia de podridão: teve a sensação medonha, *sentiu* a carícia nojenta dum ventre podre roçando-se, amorosamente roçando-se, pelo dele. Confrangeu-se: novamente a fúria encheu-o: morria-se

lá por dentro numa raiva sem fim – uma vontade de ulular, de se des-pedajar, de fugir numa revolta em que ninguém seria capaz de o de-ter... Minha mãe! ó minha mãe!... Chorou, pediu a Deus, pediu numa oração fremente que o matasse enfim ou que o livrasse daquela tortu-ra sem nome. Ó mãe! ó minha mãe!... Lembrou-se da sua casinha que nunca mais veria, da alegria do seu quintal, das boas fruteiras antigas – e aquela noite foi passando – passou-a assim em angústias, em re-voltas e aniquilamentos...

Ouviu abrir a porta. Era então dia já? vinham buscá-lo para o ras-garem?... Pois que o despedaçassem afinal, que mais lhe valia morrer!... Nem tinha forças então para raiivar e parecia-lhe sentir a frialdade ter-rível do bisturi abrindo-o!... Mas uma alegria sem fim invadiu-o, ou-vindo:

– Filho! meu filho!...

Era a sua mãezinha, era a boa velha que ternamente o beijava. Ouvia-a chorando, cheia de tristeza, morrendo de dor. E a vontade! a ânsia que ele tinha de lhe dizer: – Ouve, minha mãe, olha que eu não morri! não chores, minha mãe!

Jesus! Jesus! como ele queria abraçá-la, esfregamente enchê-la de beijos numa adoração – à sua mãezinha – e inerte, inerte sem-pre!... E, como ela conversasse com o enfermeiro, compreendeu que a santa velha obtivera que ele não fosse à autópsia.

Sentiu que o removiam outra vez. Que lhe iriam fazer? Fazia es-forços incriveis para ver se se lembrava, pelo que ouvira dizer aos docen-tes, *do que lhe iriam fazer*... Ouviu passadas. Uma voz rouca perguntou:

– É este?

E a mãe chorando:

– Sim senhor...

– A senhora é que é a mãe, hem?... Tem sido estes dias um tra-balho, senhores!... E depois eles morrem com uma barba de seiscen-tos diabos!...

Era o barbeiro! – pensou. O barbeiro do hospital, um piteireiro repugnante, verde como um sapo, que ele via passando na enfermaria a tossir, os olhos pisqueiros da pinga. E ouviu-o, que ia tagarelando:

– Talvez a senhora não queira crer... Pois olhe que a barba en-durece depois que a gente vai para o outro mundo, palavra de hon-ra!... É uma barba má de fazer, como seiscentos diabos!... E depois

men para uma pinga, senhores!... A senhora é de longe, hem? Da Abelheira?... Linda terra!... Não se aflija, senhora!... Isto a gente tem de morrer!...

Depois, piedosamente, a mãe amortalhou-o, enchendo-o de lágrimas... Ai, como a pobre mãe tinha vindo de longe, a saia de lã pela cabeça, apanhando a inverneira, gemendo e chorando, para dizer adeus ao seu filho!...

Nunca mais o veria!... E à lembrança do seu Manuel morrendo num hospital juntavam-se as santas recordações de quando ele era uma criança saudável, cheia de alegria, beijando-a risonha, pendurando-se das fruteiras a roubar maçãs amarelas, gritando: – Oh mãe! oh mãe!... – Ai como a santa velha veio de longe, a saia de lã pela cabeça, soluçando, batida pela inverneira!...

E ele ouvia-a chorando, ouvia as carícias que ela dizia ternamente, vestindo-lhe a roupa domingueira, os beijos que ela lhe dava – ouvia-a inerte, inerte sempre!... A dor que ele sentia!... Enchia-o uma vontade terrível de chorar, de a beijar, de a beijar numa fúria, à sua mãezinha, à sua querida mãe – de lhe dizer, de vivar:

– Minha mãe!...

Sentiu que iam fechar o caixão – *para sempre!* Nunca mais! nunca mais então ouviria, veria a boa velha, a sua aldeia, as fruteiras do seu quintal! Iam então para sempre encerrá-lo – a ele, cheio de vida?... Oh, então a raiva transbordou: alucinou-se, fez esforços medonhos para ulular, para se erguer enfim, livre, solto!... Rugiu – e ouviu lugubrememente, implacavelmente bater o primeiro prego no caixão!... Bom Deus! oh mãe! olha que eu vivo ainda – oh, minha mãe!... Suplicou, pediu – e outra vez ouviu, como uma maldição, ferozmente, impiedosamente, o martelo enterrando o segundo prego!... Oh Jesus! oh meu Jesus, eu sempre acreditei em ti – Jesus!... Tinha vontade de se matar, de se despedaçar – e inerte, inerte sempre! Raivou – e novamente, terrivelmente, o martelo caiu outra vez!... Endoidecia, dizia obscenidades, insultos. – Oh canalhas! – Queria viver, queria sair dali. – Canalhas! – Ouviu a mãe dizer, desfeita em pranto: – Adeus, meu filho!... – Babujou um insulto a Deus – e ainda, *medonhamente, inexoravelmente, o martelo enterrou outro prego!*... Então tomou-o uma raiva tamanha, uma alucinação tão grande, que a tampa do caixão voou enfim – e ele levantou-se, ergueu-se, lívido, vivo, terrível!...

– Filho!...

Saiu do hospital e foi para a sua aldeia, com a sua mãe. Morria – mas a morte na sua casinha parecia-lhe bem-vinda como um repouso. Pouco a pouco desfalecendo sob o olhar maternal banhado de lágrimas, vendo pela janela as macieiras antigas do seu quintal, no seu leito, no seu quarto doirado pelo sol, que punha cintilações de ouro nas vidraças – nesse Inverno azul –, ele sentia um adorável enternecimento, um repouso sem fim invadi-lo – e sorria à Morte, sentindo nas suas as mãos da sua santa mãe...

In *Revista Ilustrada*, Lisboa, n.º 19, 15 de Janeiro de 1891, pp. 3-4.

Com a indicação de ter sido escrito na Foz do Douro.